



## **“A sociedade Pós-moralista; o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos.” Uma denúncia da decadência social, feita por um de seus próprios pensadores contemporâneos em seu livro - de Gilles Lipovetsky**

“Pela primeira vez estamos em presença de uma sociedade que, longe de exaltar a observância dos preceitos superiores, faz deles um uso eufêmico e lança-os ao descrédito, deprecia o ideal da abnegação mediante o estímulo sistemático à satisfação das aspirações imediatas, à paixão pelo ego, à felicidade intimista e materialista. Nossas sociedades tornaram inúteis todos os valores inerentes ao sacrifício, sejam eles relacionados à aspiração da vida eterna ou a finalidades profanas. E como a cultura do cotidiano não é mais embebida pelos imperativos hiperbóreos do dever, mas sim pelo bem-estar e pela dinâmica dos direitos subjetivos, deixamos de reconhecer a necessidade e uma dependência de qualquer coisa que seja extrínseca a nós. Até então, a autonomia da moral em face da religião, apesar de erigida em princípio, era de certo modo ‘negada’ na prática *via* reconhecimento do dever como intransigente e absoluto. Essa clivagem terminou; estruturando-se fundamentalmente à margem do binômio costumes-dever, a ética torna efetiva, à partir de então, e na plenitude de seu radicalismo, a idéia de que estamos na época da ‘saída da religião’. As democracias abdicaram do contrapeso do dever infinito organizando-se não propriamente à maneira de algo ‘sem fé nem lei’, mas segundo uma ética tênue e minimalista, ‘sem obrigações nem sanções’. O encandeamento da história moderna levou à eclosão de uma estrutura de gênero inédito: *as sociedades pós-moralistas*. Alguns provavelmente manifestarão perplexidade diante da criação de mais um conceito ideal-típico, somando-se à já prolífera família lexical dos chamados ‘pós’. Entretanto, que denominação caberia a um gênero de cultura que só em situações muito excepcionais segue o preceito do ‘é preciso’, que difunde muito mais as normas do bem-estar que as imposições supremas do ideal, que metamorfoseia a iniciativa moral em entretenimento ou informação comercial? Como designar uma cultura de promoção dos direitos subjetivos que faz cair em desuso o sentido crucial do dever, e na qual, embora a etiqueta da ética sempre apareça, a referência à necessidade de sacrifício nenhuma vez esteja presente? Sociedade pós-moralista: assim entendemos uma sociedade que repudia a retórica do dever rígido, integral e estrito e, paralelamente, consagra os direitos individuais à autonomia, às aspirações de ordem pessoal, à felicidade... É uma sociedade que, em suas camadas mais profundas, deixou de estar baseada nas exortações ao cumprimento integral dos preceitos, e que só procura acreditar nas normas indolores da existência ética. Eis a razão pela qual nenhuma contradição existe entre o aumento de popularidade da temática ética e a lógica pós-moralista, uma vez que a atual concepção de ética não exige nenhum sacrifício maior, nenhuma renúncia a si mesmo. Nenhuma aceitação do dever heróico, mas reconciliação entre coração e festa, entre a virtude e o interesse, entre os imperativos do futuro e a qualidade de vida do presente. Longe de representar uma oposição frontal à cultura individualista pós-moralista, o impacto ético constitui uma de suas mais típicas manifestações... Sociedade pós-moralista é a designação de uma época em que o sentido do dever é edulcorado e debilitado, em que a noção de sacrifício pessoal perdeu sua justificação social, em que os direitos subjetivos preponderam sobre os mandamentos imperativos, em que as lições de moral são encobertas pelo fulgor de uma vida melhor, do irradiante sol das férias de verão, do banal passatempo das mídias”.